



Como recuperar o reto juízo em tempos de polarização, desinformação e imediatismo digital sob uma perspetiva católica

Vivemos numa época extraordinária. Nunca antes a humanidade teve acesso a tanta informação em tão pouco tempo. Em poucos segundos, podemos tomar conhecimento de acontecimentos que ocorrem do outro lado do mundo, ler milhares de opiniões, partilhar notícias com centenas de pessoas e expressar publicamente o nosso ponto de vista sobre praticamente qualquer assunto.

No entanto, esta aparente vantagem trouxe consigo um perigo espiritual que raramente é analisado à luz da fé: **a perda da prudência**.

As redes sociais transformaram a rapidez numa virtude, quando, na realidade, ela é frequentemente inimiga da verdade. Hoje, parece mais importante ser o primeiro a dar uma opinião do que o primeiro a compreender. Comentários impulsivos, indignação imediata, títulos sensacionalistas e reações emocionais são recompensados. A reflexão ponderada, a investigação séria e o discernimento cuidadoso tornaram-se cada vez mais raros.

Esta realidade também afeta os católicos.

Muitos cristãos participam diariamente em debates políticos, culturais ou religiosos sem se deterem para perguntar se aquilo que estão a partilhar é verdadeiro, se as suas palavras constroem ou destroem, ou se estão realmente a agir de acordo com o Evangelho.

A Igreja sempre ensinou que o cristão não pode separar a sua vida pública da sua vida espiritual. Também na internet, também na política e também nas redes sociais somos chamados a viver as virtudes.

E entre todas elas, há uma que hoje se revela particularmente necessária: **a prudência**.

Não a prudência entendida como cobardia ou silêncio cómodo, mas como a rainha das virtudes morais, a virtude que orienta todas as outras para o bem.



Uma virtude profundamente mal compreendida

Quando alguém ouve a palavra *prudência*, pensa frequentemente numa pessoa tímida, indecisa ou excessivamente cautelosa.

Mas essa não é a prudência cristã.

Para **São Tomás de Aquino**, seguindo a tradição de Aristóteles e aperfeiçoando-a à luz da Revelação, a prudência é:

«*A reta razão aplicada à ação.*»

Por outras palavras, é a capacidade de reconhecer o bem concreto numa determinada situação e escolher os meios adequados para o alcançar.

A prudência não consiste em evitar agir.

Consiste em agir corretamente.

O **Catecismo da Igreja Católica** ensina:

«*A prudência é a virtude que dispõe a razão prática a discernir, em qualquer circunstância, o nosso verdadeiro bem e a escolher os meios adequados para o realizar.*» (CIC 1806)

Isto significa que uma pessoa prudente:

- procura a verdade antes de falar;
- escuta antes de julgar;
- analisa antes de reagir;



- verifica antes de partilhar;
- considera as consequências dos seus atos;
- procura o bem comum e não apenas a vitória do seu próprio grupo.

Tudo isto é profundamente contracultural no mundo digital dos nossos dias.

A prudência na Sagrada Escritura

A Bíblia fala constantemente da prudência.

Ela não aparece apenas como uma qualidade humana, mas como um dom intimamente ligado ao temor de Deus.

O Livro dos Provérbios afirma:

«O prudente vê o perigo e procura abrigo; os inexperientes seguem em frente e sofrem as consequências.» (Provérbios 22,3)

Noutro lugar lemos:

«O coração do justo medita antes de responder, mas a boca dos ímpios derrama o mal.» (Provérbios 15,28)

Que descrição tão atual.

Enquanto as redes sociais incentivam respostas imediatas, a Escritura convida-nos a refletir antes de responder.

Também o apóstolo São Tiago nos adverte:



«*Cada um seja pronto para ouvir, lento para falar e lento para se irar.*» (Tiago 1,19)

Este versículo poderia muito bem ser considerado um dos melhores programas de conduta para qualquer utilizador da internet.

Escutar.

Refletir.

Falar apenas depois.

Nunca o contrário.

O próprio Nosso Senhor Jesus Cristo ensinou esta virtude.

Quando os fariseus procuravam apanhá-Lo em armadilhas com perguntas políticas, Ele nunca respondia impulsivamente.

Fazia perguntas.

Discernia.

Descobria as verdadeiras intenções dos seus interlocutores.

E respondia com uma sabedoria que deixava até os seus inimigos sem palavras.

A sua célebre resposta:

«*Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.*» (Mateus 22,21)

é um exemplo extraordinário de prudência política.

Ele não cai na manipulação.



Não aceita o falso dilema.

Não responde movido pela paixão.

Responde a partir da verdade.

A prudência política na tradição católica

A Igreja nunca identificou o cristianismo com um partido político específico.

Os princípios morais são permanentes.

As decisões políticas prudenciais, pelo contrário, podem admitir diferentes soluções legítimas.

Aqui encontramos um conceito muito importante da Doutrina Social da Igreja.

Nem todas as questões políticas têm uma única resposta obrigatória para todos os católicos.

Existem princípios inegociáveis:

- a defesa da vida humana;
- a dignidade de toda a pessoa humana;
- a liberdade religiosa;
- a proteção da família;
- a justiça social;
- o bem comum.

No entanto, existem muitas questões técnicas ou estratégicas nas quais católicos igualmente fiéis podem legitimamente ter opiniões diferentes.

Esquecer isto conduz ao fanatismo.

Confundir a fé com uma ideologia acaba por transformar a política numa religião.

E isso constitui uma forma moderna de idolatria.



O problema da polarização

As redes sociais vivem da nossa atenção.

E nada capta mais a atenção do que o conflito.

Os algoritmos recompensam aquilo que provoca emoções fortes:

- indignação;
- medo;
- ira;
- escândalo;
- desprezo.

Quanto mais dividida está uma sociedade, mais tempo as pessoas permanecem ligadas.

É por isso que muitas plataformas acabam por criar verdadeiras câmaras de eco.

Passamos a ver apenas opiniões semelhantes às nossas.

Lemos apenas aquilo que confirma as nossas convicções.

Pouco a pouco deixamos de dialogar verdadeiramente.

Começamos a caricaturar aqueles que pensam de forma diferente.

Depois deixamos de os ouvir.

E, por fim, chegamos mesmo a deixar de reconhecer a sua dignidade humana.

Mas um cristão nunca deve permitir que um algoritmo determine a forma como ama o seu próximo.



A desinformação: um problema moral

Partilhar uma informação falsa nem sempre constitui um pecado grave.

Mas pode tornar-se um pecado quando existe negligência culpável.

O Oitavo Mandamento não proíbe apenas a mentira deliberada.

Também nos obriga a respeitar a verdade.

Espalhar rumores.

Manipular dados.

Retirar frases do seu contexto.

Editar vídeos para enganar.

Partilhar títulos sem ler a notícia.

Tudo isto pode tornar-se uma forma de cooperação com a mentira.

E o pai da mentira tem um nome.

Jesus identifica-o claramente:

«*Ele foi homicida desde o princípio e não permaneceu na verdade.*» (João 8,44)

Sempre que difundimos informações falsas sem as verificar, colaboramos, ainda que indiretamente, com uma cultura da mentira.

O juízo temerário também existe na



internet

O **Catecismo da Igreja Católica** recorda-nos que devemos evitar o **juízo temerário**.

Ou seja, atribuir más intenções ao nosso próximo sem provas suficientes.

As redes sociais favorecem precisamente este tipo de falta.

Um vídeo de dez segundos.

Uma fotografia isolada.

Um título retirado do seu contexto.

E, de repente, milhares de pessoas acreditam conhecer toda a história.

A prudência leva-nos a perguntar:

Conheço realmente todos os factos?

Poderá haver outra explicação?

Estou a julgar com justiça?

Ouvi ambas as partes?

Em muitos casos, a resposta honesta será:

«Não sei.»

E reconhecer que não sabemos alguma coisa já é uma forma de sabedoria.

A prudência não significa neutralidade

Existe outro equívoco muito frequente.



Muitas pessoas pensam que ser prudente significa nunca tomar posição.

Isso também não é verdade.

Os santos foram extraordinariamente prudentes e, ao mesmo tempo, denunciaram as injustiças.

São João Batista denunciou o adultério de Herodes.

Os profetas denunciaram a corrupção.

Os mártires preferiram morrer a colaborar com leis injustas.

A prudência não elimina a coragem.

Orienta-a.

O cristão deve falar quando a verdade o exige.

Mas deve fazê-lo com caridade.

Com justiça.

Com conhecimento.

E procurando sempre a conversão do outro, e não a sua humilhação pública.

O perigo de fazer da política a nossa identidade absoluta

Um dos maiores perigos do nosso tempo consiste em definirmo-nos exclusivamente pelas nossas posições políticas.

Antes de tudo, somos filhos de Deus.

No entanto, hoje muitas pessoas apresentam-se primeiro como conservadoras, progressistas,



liberais, nacionalistas ou através de qualquer outro rótulo ideológico.

Quando a política ocupa o lugar que pertence a Deus, nasce um novo ídolo.

A identidade cristã fica subordinada a uma ideologia.

Então começamos a justificar quase qualquer comportamento, desde que beneficie «o nosso lado».

A prudência impede precisamente este tipo de cegueira.

Recorda-nos que nenhum partido político possui toda a verdade.

Nenhum líder político é um salvador.

Nenhum programa político pode substituir o Evangelho.

Cristo permanece o único Rei.

A virtude do silêncio

As redes sociais convencem-nos de que devemos ter uma opinião sobre tudo.

Contudo, a sabedoria bíblica ensina algo completamente diferente.

«**Até o insensato, quando se cala, passa por sábio.**»
(Provérbios 17,28)

Há momentos em que o silêncio é muito mais prudente do que uma resposta precipitada.

Não porque falte coragem.

Mas porque os factos ainda estão incompletos.

Porque a emoção domina a razão.



Porque falar apenas aumentaria ainda mais a divisão.

Saber quando permanecer em silêncio também é uma virtude.

O discernimento cristão perante os algoritmos

Discernir significa aprender a olhar para a realidade com os olhos de Deus.

Isso exige que façamos várias perguntas antes de partilhar qualquer conteúdo:

- É verdadeiro?
- Foi suficientemente verificado?
- Quem o publicou?
- Que interesses poderão estar por detrás?
- Contribui para o bem comum?
- Constrói ou destrói?
- Gera ódio desnecessário?
- Respeita a dignidade de cada pessoa?
- Aproxima-me mais de Cristo?

Estas perguntas são muito mais importantes do que perguntar se um conteúdo se tornará viral.

A prudência política como serviço ao bem comum

A Doutrina Social da Igreja ensina que a política, quando é vivida corretamente, constitui uma das formas mais elevadas da caridade.

Porquê?



Porque procura o bem de toda a comunidade.

Mas servir o bem comum exige conhecer a realidade tal como ela é.

A prudência política exige:

- estudo;
- escuta atenta;
- diálogo;
- aceitação dos factos objetivos;
- distinção entre factos e opiniões;
- rejeição da manipulação.

As boas intenções, por si só, não bastam.

É necessária inteligência moral.

É necessária formação.

É necessária oração.

Como cultivar esta virtude nos dias de hoje?

A prudência não surge espontaneamente.

Deve ser cultivada.

Eis algumas formas concretas de crescer nesta virtude.

1. Rezar antes de reagir

Muitas discussões desapareceriam se rezássemos antes de responder.



Um minuto de oração pode evitar horas de conflito.

2. Ler para além dos títulos

Muitos títulos são deliberadamente concebidos para provocar reações emocionais.

O cristão procura compreender.

Não procura apenas reagir.

3. Verificar várias fontes

Nem toda a informação é fiável.

Consultar diferentes fontes, sobretudo quando uma notícia confirma exatamente aquilo em que já queríamos acreditar, é um exercício de honestidade intelectual.

4. Formar a consciência

Não basta conhecer a atualidade.

Também é necessário conhecer a Doutrina Social da Igreja.

Sem uma consciência bem formada, não é possível exercer uma verdadeira prudência política.

5. Examinar as próprias intenções

Antes de publicar qualquer coisa, devemos perguntar-nos:



Porque quero partilhar isto?

Estou a tentar informar?

Ajudar?

Evangelizar?

Ou simplesmente ganhar uma discussão?

6. Praticar a humildade intelectual

Podemos estar errados.

Podemos aprender.

Podemos corrigir-nos.

A humildade é uma das maiores aliadas da prudência.

A Virgem Maria: o modelo perfeito de prudência

Entre todas as criaturas, a Virgem Maria resplandece como o modelo perfeito de prudência.

O Evangelho afirma:

«*Maria guardava todas estas coisas, meditando-as no seu coração.*» (Lucas 2,19)

Ela não reage impulsivamente.



Medita.

Reza.

Discern e.

Confia.

Antes de agir, procura compreender a vontade de Deus.

Num mundo dominado pela rapidez, Maria ensina-nos o valor da contemplação.

Numa cultura de respostas imediatas, recorda-nos que um silêncio fecundo pode ser muitas vezes mais eloquente do que mil comentários.

Conclusão: recuperar a prudência para evangelizar o mundo digital

A crise do nosso tempo não é apenas política ou tecnológica; é, acima de tudo, uma crise de virtudes. Aprendemos a comunicar mais rapidamente, mas não necessariamente com mais sabedoria. Dispomos de uma quantidade imensa de informação, mas nem sempre de verdadeira sabedoria. Temos inúmeras oportunidades para expressar as nossas opiniões, mas frequentemente esquecemo-nos de examinar se as nossas palavras refletem realmente o Coração de Cristo.

A prudência política, entendida como a reta razão aplicada à ação, não nos chama ao medo nem à indiferença. Pelo contrário, convida-nos a participar ativamente na vida pública com uma consciência bem formada, iluminada pela fé e guiada pela caridade. O cristão não pode renunciar à procura da verdade, à defesa da justiça ou à denúncia do mal; mas também não o pode fazer sacrificando a própria verdade, a serenidade ou o respeito pela dignidade daqueles que pensam de maneira diferente.

Na era das redes sociais, praticar a prudência significa resistir à ditadura do imediatismo. Significa verificar antes de partilhar, escutar antes de responder, compreender antes de julgar e rezar antes de agir. Significa recordar que cada publicação, cada comentário e cada



conversa podem tornar-se uma oportunidade para construir pontes ou erguer muros.

São Paulo exortava os cristãos:

«**Examinai tudo; guardai o que é bom.**» (1 Tessalonicenses 5,21)

Estas palavras, escritas há quase dois mil anos, são surpreendentemente atuais. Constituem um verdadeiro programa de vida para todo o crente que deseja habitar o mundo digital sem se tornar escravo dele.

Mais do que nunca, a Igreja necessita de leigos capazes de participar na vida política e social com inteligência, serenidade e um autêntico espírito evangélico; homens e mulheres que recusem tornar-se prisioneiros das modas passageiras e sejam testemunhas da verdade; pessoas que compreendam que a verdadeira vitória não consiste em derrotar um adversário numa discussão online, mas em aproximar as almas de Cristo.

Recuperar a prudência política significa, em última análise, recuperar uma forma profundamente cristã de olhar para o mundo: com os olhos fixos na verdade, com um coração cheio de caridade e com uma esperança colocada não nos poderes passageiros deste mundo, mas no Reino de Deus, que permanece para sempre.

Onde a polarização divide, a prudência une; onde a mentira confunde, a prudência ilumina; onde a precipitação fere, a prudência cura.

E é precisamente esta virtude que a nossa sociedade precisa urgentemente de redescobrir.